

SEGUNDA CASA.

Clarinha na Praia de Copacabana: ela passa dois meses por ano com a família no Rio



Televisão

Clarinha Sussekind

A HISTÓRIA DA BAILARINA CARIOCA QUE VIROU ESTRELA NA TURQUIA E INSPIROU A PERSONAGEM DE CLEO PIRES EM 'SALVE JORGE'

POR **JOANA DALE**

joana.dale@oglobo.com.br

FOTOS **MÔNICA IMBUZEIRO**

Durante a pesquisa de campo para "Salve Jorge", no ano passado, Glória Perez conheceu a bailarina carioca Maria Clara Lagoeiros Sussekind, a Clarinha, num show de dança típica dentro de uma caverna, na Capadócia. Após a apresentação, a novelista descobriu que a moça era sua antiga vizinha em Copacabana: da janela de seu escritório, ela costumava observar Clarinha dançando em frente ao espelho. Até então, as duas nunca tinham trocado uma palavra.

— Clarinha é uma brasileira de alma turca. Ela se tornou a dançarina mais famosa da Turquia — diz Glória.

As duas passaram a trocar e-mails e impressões sobre a vida no país euroasiático. Sem saber, Clarinha inspirou a criação de Bianca, personagem da atriz Cleo Pires na novela da TV Globo. Além disso, a bailarina virou a professora de dança do elenco e acabou participando das gravações, nas quais contracena, entre outros, com o ator Domingos Montagner — que interpreta Zyah, o guia turco pelo qual Bianca se apaixona na trama.

— A Clarinha me apresentou algumas variações da dança cigana turca, que eu continuo tentando desempenhar — conta Domingos.

Foi há cinco anos que Clarinha trocou Copacabana por Gorême, localidade de dois mil habitantes na Capadócia.

Bailarina de formação clássica, Clarinha se apresenta diariamente para uma plateia de 400 turistas, na caverna milenar onde funciona o Harmandali Restaurant. Nos três atos do espetáculo, ela se reveza no giro sufi, na dança do ventre e na dança cigana. Nos primeiros meses de trabalho, Clarinha precisava esconder a verdadeira identidade. Era o jeito de conquistar credibilidade diante do público e garantir o emprego.

— Lembro que passei uma saia-justa danada quando uma italiana quis me elogiar ao final do espetáculo e chamou um guia turco para traduzir a nossa conversa. Entendia mais o italiano dela do que o turco dele, mas tinha que ficar muda, rindo, para ela não descobrir que eu era brasileira — lembra a bailarina, de 38 anos.

Hoje, Clarinha entende mais turco do que italiano. Durante dez meses do ano, ela mora numa casa simples no vilarejo, com pé de damasco no quintal. Seu meio de transporte oficial é um quadriciclo, com o qual passeia no cenário lunar do lugar. Nos fins de semana, costuma andar a cavalo com o namorado, um caubói. Em janeiro e fevereiro, passa férias no apartamento da família, na Avenida Atlântica, e mata as saudades da filha, Sofia, de 8 anos.

— É um drama morar na Turquia e deixar minha filha no Brasil. Mas eu precisava correr atrás dos meus sonhos. Na Capadócia, me deram a oportunidade de viver da dança, de ser a estrela de um espetáculo — diz Clarinha. — As pessoas acham que brasileiro que vai fazer a vida fora do país é porque não tinha vida boa aqui. Mas eu tenho uma família maravilhosa, sempre tive tudo do bom e do melhor.

Filha de uma professora de Matemática e de um engenheiro, Clarinha é a mais velha de cinco irmãos, cresceu entre Copacabana e Ipanema, estudou no Colégio Teresiano e fez faculdade de Dança na UniverCidade. Antes de ser bailarina, sonhava em ser atriz. E foi rata do Tablado.

— Me virei dentro do Tablado como secretária, operadora de luz e atuando em peças infantis.

A família Sussekind, tradicional, implicava um pouco com o ambiente libertário do teatro. Para não bater de frente com os pais, aos 19 anos ela resolveu ser bailarina clássica. Para sustentar as cinco aulas de balé que fazia por dia, trabalhou como dubladora no Herbert Richers e no Cinevídeo, além de emprestar a voz para novelas mexicanas.

Às vésperas de completar 30 anos, enfim,

“

NUNCA MAIS VOU CONSEGUIR CORTAR A TURQUIA COMPLETAMENTE DA MINHA VIDA. MEU CORAÇÃO VIROU TURCO”

CLARINHA SUSSEKIND

Bailarina

ela foi apresentada à dança oriental no Ateliê Coreográfico, de Regina Miranda:

— Na faculdade, aprendi todos os estilos. Mas dança contemporânea, essa coisa de rolar no chão para lá e para cá, não me dizia nada. A dança oriental foi a primeira que me tocou de verdade.

Meses depois, lá estava ela se apresentando no Arab, restaurante da Praia de Copacabana.

— Nas minhas férias de 2007, resolvi ir à Turquia para conhecer o giro sufi, uma dança religiosa. Em Istambul, porém, me falaram que eu precisava me converter ao islã e ser aceita pelo xeique. Desisti, e fui para a Capadócia para andar de balão. Lá, comentei que gostaria de aprender o giro sufi e, no mesmo dia, me aceitaram. Por ser mais no interior do país, eram menos ortodoxos.

Na primeira aula, Clarinha mostrou seus vídeos de dança do ventre no Arab e acabou sendo contratada para se apresentar no Harmandali Restaurant. E acabou ficando por lá. Sem data de volta:

— Minha vida está cada vez melhor na Turquia. Quando pensava que não tinha nada melhor para acontecer, surgiu a oportunidade da novela... Talvez um dia eu divida melhor o ano, passando seis meses na Capadócia e seis meses no Rio. Mas nunca mais vou conseguir cortar a Turquia completamente da minha vida. Meu coração virou turco. ●